

Imagens, Fontes e Manuscritos: o conhecimento médico-astrológico nos calendários astronômicos de Nicholas de Lynn e John Somer

Images, Sources and Manuscripts: the Medical-Astrological Knowledge in
the Astronomical Calendars of Nicholas de Lynn and John Somer

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v6i2.31813>

Jefferson de Albuquerque Mendes

Doutorando em História da Arte pelo Programa de Pós-Graduação em História da Arte (PPGHA) – UERJ. Estuda as relações entre arte, astrologia e ciência na Primeira Época Moderna, com foco nos processos migratórios dos saberes cosmológicos e científicos.

E-mail: mendesajefferson@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4075-8882>

RESUMO

O presente artigo analisa os usos e funções dos manuscritos médico-astrológicos, especificadamente, os calendários astronômicos de Nicholas de Lynn (*Astronomical Calendar*, 1386) e de John Somer (*Astronomical Calendar*, 1380), ambos confeccionados entre os séculos XIV e XV na Inglaterra. O artigo destaca a complementaridade do texto e da imagem nos calendários médico-astrológicos, partindo da incidência da iconografia do homem zodiacal e do homem venoso que formam um grande *corpus* estritamente necessário para a leitura correta do cosmos nesses manuscritos. O artista tem um papel fundamental nesse processo, pois é ele quem resgata os elementos astrológicos sobreviventes e os converte em imagens. Por fim, o artigo destaca da transmissão dos saberes médico-astrológicos para a construção e compreensão de mundo cósmico na Idade Média Tardia e no início da Primeira Época Moderna.

Palavras-chaves: Astrologia. Arte. Calendários. Nicholas de Lynn. John Somer.

ABSTRACT

The present article analyzes the uses and functions of the medical-astrological manuscripts, specifically the astronomical calendars of Nicholas de Lynn (*Astronomical Calendar*, 1386) and John Somer (*Astronomical Calendar*, 1380), both made between the 14th and 15th centuries in England. The article highlights the complementarity of the text and the image in the medical-astrological calendars, starting from the incidence of the iconography of the zodiacal man and the venous man who form a *corpus* strictly necessary for the correct reading of the cosmos in these manuscripts. The artist has a fundamental role in this process, since it is he who rescues these surviving astrological elements and converts them into images. Finally, the article highlights the transmission of medical-astrological knowledge for the construction and understanding of the cosmic world in the Late Middle Ages and at the beginning of the First Modern Age.

Keywords: Astrology. Art. Calendars. Nicholas of Lynn. John Somer.

A história da astrologia tornou-se objeto de estudo rigoroso apenas a partir de meados do século XIX, graças às primeiras contribuições academicamente estruturadas do orientalismo e da egiptologia. Realizados em estreita relação com os estudos da antiguidade e da filologia clássica, esses trabalhos disponibilizaram uma série de textos gregos, latinos, árabes e hebraicos de conteúdo astrológico¹. O tema da astrologia e sua importância na compreensão dos processos sociais, políticos, artísticos e culturais, num momento de notória efervescência como nos séculos XIV e XV, deve ser encarado como uma tentativa de racionalização do mundo e compreensão do incognoscível. Os estudos sobre a astrologia e suas ramificações se colocam como lugar necessário para o entendimento do ser humano que estava entre a religião e a incipiente ciência, entre o pensamento pagão e a teologia cristã, entre a magia e o pensamento racional. Assim é o regime analógico², lugar que concatena as ideias de ordem e relação entre o mundo terrestre e o astral.

O grande desafio, para os astrólogos e médicos nos séculos XIV e XV, era descobrir as analogias e interpretar as assinalações que o mundo os proporcionava. As relações que se estabeleceram entre os conceitos de macrocosmo e microcosmo³ partindo do impacto das imagens astrológicas entrelaçam-se com o problema do conhecimento e seu embate com a questão do livre arbítrio. Com a recepção dos textos da antiguidade, a partir século XI, via mundo árabe, orientar-se pelo cosmos tornava-se algo imprescindível para o ser humano inserido nessa estrutura. As primeiras representações evidenciavam a ideia do indivíduo como extensão do cosmos, como uma pequena instância que era regida pelo firmamento. Para compreender o impacto das doutrinas astrais na cultura ocidental deve-se atentar para a sobrevivência do conceito de *melothesia*⁴ – provinda do mundo mesopotâmico – que é a divisão do corpo humano pelos influxos astrais. Partindo da tentativa de estabelecer uma relação entre os ditames astrais (deuses, demônios, astros, planetas e o zodíaco) refletia-se, de certa maneira, como a astrologia estava intrinsecamente relacionada com as ações humanas.

1 Entre eles os tratados de Manetone, Doroteo, Vettio Valente, Ptolomeu; escritos de al-Bīrūnī, al-Kindī, Māšā 'allāh, Abū Mašār, Ibn Ezra. Veja: FARACOVİ, Ornela. Lo specchio alto. Astrologia e filosofia fra Medioevo e Prima Età Moderna. Bruniana & Campanelliana, Supplementi, XXXII – Studi, 11, Fabrizio Serra Editore, Pisa 2012.

² Sobre a ideia de regime analógico cf. FOUCAULT, Michel. A prosa do mundo. In: *As palavras e as coisas*. Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

³ Os conceitos de macrocosmo e microcosmo são a compreensão da visão do ser humano como uma porção do universo, como uma escala que simboliza a união – sempre numa relação hierárquica – entre o cosmos e o ser humano.

⁴ *Melothesia* – termo que significa a divisão do corpo humano pelos doze signos zodiacais. Cada signo era regente de uma parte do corpo, de Áries, regendo a cabeça, até Peixes, que rege os pés. Trata-se do impacto do determinismo astral nas diversas partes do corpo. Sobre o conceito de *melothesia* veja: GELLER, Markham J. *Melothesia in Babylonia*. Medicine, Magic and Astrology in the Ancient Near East. Boston/Berlin/Munich: Walter de Gruyter Inc., 2014.

O crescimento dos centros de estudos médicos, no medievo, estava ligado à multiplicação de livros de medicina e seu acúmulo, numa época em que a circulação de livros ainda era limitada. A partir do final do século XI, a escrita médica disponível em latim foi bastante ampliada pelas traduções, primeiro do árabe e, posteriormente, do grego, para complementar parte substancial do *corpus* da escrita médica grega, especialmente de obras atribuídas a Hipócrates e Galeno.

Os tradutores e centros de tradução de obras médico-astrológicas exerciam uma função importante nos processos de construção dos saberes cosmológicos e científicos. Constantinus Africanus (c. 1087), monge de Monte Cassino, perto de Salerno, traduziu o *Pantegni*, uma adaptação do 'Abbas' Kunnash al-Maliki⁵. Burgundio de Pisa, que viajou entre a Itália e Constantinopla, traduziu as obras de Galeno do grego⁶. No mesmo período, uma versão ampliada e alfabética dos *Dioscorídeos Latinos* se tornou disponível⁷. A medicina se desenvolvia paralelamente aos outros campos, notadamente a lógica, a filosofia natural, a astronomia e a geometria⁸. A medicina foi totalmente integrada ao esforço para que fosse garantido o acesso aos conceitos e símbolos gregos e árabes, tão característicos do aprendizado ocidental entre o final do século XI e o início do século XIII. Deve-se supor que na medicina, como nas outras áreas mencionadas, o interesse dos estudiosos em garantir material novo era causa e produto das novas traduções. Os livros de medicina não apenas mantinham a promessa de utilidade prática, mas também contribuíam para a cultura geral de identidade da inteligência clerical do século XII⁹.

Tanto os novos trabalhos médicos disponíveis em latim no início da Idade Média quanto os recém traduzidos para esse idioma pertenciam, em termos amplos, à mesma tradição médica grega. No entanto, o novo material era muito mais copioso, complexo e intelectualmente sofisticado do que a maioria dos trabalhos disponíveis anteriormente, e sua absorção total foi um processo lento, que se estendeu por várias gerações. Um efeito da expansão da literatura médica latina foi a sofisticação dos elementos teóricos e sistemáticos aprendidos na medicina. Essa tendência foi ainda mais acentuada pela recepção da lógica aristotélica e da filosofia natural. Entre o início do século XII e o início do século XIII, os trabalhos filosóficos e científicos naturais de Aristóteles tornaram-se disponíveis em

⁵ D'ALVERNAY, Marie-Therese. Translations and Translators. In: *Renaissance in the Twelfth Century*. Cambridge: Harvard University Press, 1982, p. 422.

⁶ Segundo Thorndike, Burgundio de Pisa foi traduzido, por Pietro d'Abano para o italiano foram usufruídos nas cortes e pelos médicos. Veja: THORNDIKE, Lynn. Translations of works of Galen from the Greek by Peter of Abano. In: *Isis*, vol. 33, 1942, 652.

⁷ Cf. SENATOR, Cassiodorus. *Institutions* 1.31. MYNORS, R. (ed). Oxford: Oxford University Press, 1937; TALBOT, C. H. *Medicine in Medieval England*. London: Oldbourne, 1967, p. 17-21; VOIGTS, Linda. Anglo-saxon plant Remedies and the Anglo-Saxon. In: *Isis* 70 (1979), p. 250-68; GREEN, Monica. The *De genecia* Attributed to Constantinus Amcanus. *Speculum* 62 (1987), p. 299-323, e 310.

⁸ D'ALVEMY, 1982, p. 421-62.

⁹ CONCHES, Guillaume. *Philosophia mundi* 1.22. Ed. Gregor Maurach. Pretoria: University of South Africa, 1974. Sobre Hildegard de Bingen. DRONKE, Peter. *Women Writers of the Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, p. 231-64.

latim. A disseminação dos modos aristotélicos de argumentação, as ideias aristotélicas sobre o conhecimento científico e a ciência física transformaram a vida intelectual europeia. O impacto na medicina foi, certamente, muito expressivo no que diz respeito à sua metodologia e ao seu conteúdo.

Algumas partes dos cursos universitários medievais realmente constituíram uma preparação altamente prática para a educação médica fornecida. Como Pietro d'Abano colocou, certas disciplinas eram adjuntas especialmente necessárias à medicina: Lógica, pois é o condimento de todas as ciências, assim como o sal é da comida; filosofia natural, pois mostra os princípios de tudo; e astrologia. A estimativa de Pietro sobre a importância do estudo da lógica e da filosofia natural é facilmente compreensível. O comando da lógica forneceu ao pretense estudante de medicina a principal ferramenta de investigação científica medieval e universitária treinada por médicos, como o próprio Pietro habitualmente usou a lógica aristotélica para isolar argumentos em textos médicos para análise e crítica. O estudo da filosofia natural, principalmente nas obras de Aristóteles, a principal autoridade antiga sobre o assunto, forneceu uma base para o que pode ser descrito como ciência física geral e também equipando estudantes com conhecimento do latim filosófico e científico.¹⁰

A recepção simultânea das obras de Aristóteles e da literatura médica latina ampliada provocaram uma interação entre as ideias aristotélicas com a aprendizagem médica. Em primeiro lugar, nos escritos hipocráticos e galênicos, a medicina possuía uma tradição igualmente venerável de origem amplamente independente (embora o próprio Galeno adotasse alguns conceitos aristotélicos). Além disso, a recepção na Europa Ocidental do século XII da astronomia grega e islâmica e da astrologia promoveu o desenvolvimento da astrologia médica. A prática real da astrologia médica foi maior no Ocidente entre os séculos XIV e XV. A astrologia ligou a medicina a outros ramos do conhecimento distintos da filosofia natural aristotélica¹¹. A medicina permaneceu irrevogavelmente e intimamente ligada ao mundo do artesanato, das habilidades e técnicas. Assim, na metade do século XII, deu-se um processo que forneceu à medicina da Europa uma literatura rica e especializada, provinda de centros de aprendizado renomados, uma tradição de prática florescente e avançada. As figuras astro-cosmológicas são encontradas em abundância nos séculos XIV e XV nos escritos médico-astrológicos

¹⁰ SIRAI, Nancy. *Medieval & Early Renaissance Medicine*. Chicago/London: The University of Chicago Press, p. 67. Original: Some parts of the medieval university arts course did indeed constitute a highly practical preparation for the kind of medical education provided in the universities. As Pietro d'Abano put it, certain disciplines were especially necessary adjuncts to medicine: "Logic, since it is the condiment of all the sciences, just as salt is of food; natural philosophy, since it shows the principles of everything; and astrology since it is directive of judgments). Pietro's estimate of the importance of the study of logic and natural philosophy is readily understandable. Command of logic provided the would-be medical student with the major tool of medieval scientific inquiry. University trained medical authors such as Pietro himself habitually used Aristotelian logic to isolate arguments in medical texts for analysis and criticism. The study of natural philosophy, primarily in works of Aristotle, the chief ancient authority on the subject, provided a grounding in what may be described as general physical science and also equipped students with a knowledge of philosophical and scientific Latin.

¹¹ TESTER, Jim. *A History of Western Astrology*. Woodbridge: Boydell & Brewer, 1987, p. 98-201.

com tipologias das mais variadas. Tem-se a figura do homem zodiacal¹² conectada com a figura do homem venoso¹³ no intuito de salientar o complexo arranjo físico por onde circulava todo o nosso sangue e como as instâncias astrais impactavam e ajudavam nos processos cirúrgicos.

O uso dos calendários estava inserido na necessidade em realizar uma *prognose*¹⁴ para poder construir uma *diagnose*¹⁵ sobre aquilo que necessitava consultar. Entre os diversos fatos, a realização de uma cirurgia ou mesmo de uma flebotomia, tendo por base os dias favoráveis, estava condicionada ao período onde a Lua residia nas casas zodiacais e planetárias¹⁶. No século XIV os manuscritos – diferentemente das fontes do século XI¹⁷ – foram obras de referência no estudo médico-astrológico, sendo um trabalho independente. Encontraremos dois formatos de calendários: o primeiro era um *códex* que reunia elementos básicos do conhecimento cosmológico; o outro, uma espécie de *vademécum* dos procedimentos médico-astrológicos. Harry Bober sustenta a ideia de que os calendários eram versões condensadas dos ensinamentos astro-medicinais e deveria conter ali o necessário para um médico poder realizar os cálculos e consultas e, assim, realizar o procedimento médico necessário. Contudo, nesses calendários veremos uma utilização intensiva de ilustrações que, servindo como ferramentas para as consultas astrais, terão um lugar cativo no desenvolvimento da iconografia do *Homo Signorum*¹⁸.

¹² Essa tópica figurativa é o amálgama da ideia do homem como microcosmo.

¹³ *Homo Venarum*, tipo iconográfico onde se estabeleciam as principais veias do corpo humano.

¹⁴ Do grego. *prógnōsis, eōs* 'conhecimento antecipado', de *pro-*'antes' e *gnōsis, eōs* 'ação de conhecer', de *gnōskō* 'conhecer', pelo latim. *prognōsis, is* 'id.' DICIONÁRIO. *Oxford Advanced Learner's Dictionary*. Oxford: Oxford University Press. 1990.

¹⁵ Do grego *diagnosis*, significa "descrição ou identificação da razão do problema numa certa circunstância". DICIONÁRIO. *Oxford Advanced Learner's Dictionary*. Oxford: Oxford University Press. 1990.

¹⁶ O'BOYLE, Cornelius. *Astrology and Medicine in Later Medieval England the Calendars of John Somer and Nicholas of Lynn. Sudhoff's Archiv*, Bd. 89, H. 1(2005), p. 7: "Conversely, when the humours with draw into the inner most parts of the body during the second and fourth lunar phases, this is a dangerous time for phlebotomy. We are then reminded not to cut into any part of the body when the moon is in the sign of the zodiac governing that part. The reason given is that the moon encourages the humours to rush to that part of the body to dull any pain inflicted upon it, and if the humours escape through a cut, they cannot serve their function and the patient dies". Tradução: "Por outro lado, quando os humores se desenham no interior da maior parte do corpo durante a segunda e a quarta fase lunar, este é um momento perigoso para a flebotomia. Somos então lembrados de não cortar em nenhuma parte do corpo quando a Lua está no signo do zodíaco que governa essa parte. A razão dada é que a Lua encoraja os humores a correr para aquela parte do corpo para aliviar qualquer dor infligida a ela, e se os humores escapam através de um corte, eles não podem servir à sua função e o paciente morre".

¹⁷ Os calendários do século XI mediam para cada mês um regime de higienização e tratamento (sangria, flebotomia) através de ervas e de tudo aquilo que beneficiasse o corpo. C.f. THORNDIKE, *History of Magic*, I, p. 680 f; O'Boyle, 2005, p. 4.

¹⁸ Homem dos signos; será adotada a versão latina da palavra no intuito de manter seu significado filológico originário.

O conteúdo habitual de tal *Kalendaria*, depois do calendário regular do ano, inclui os seguintes aspectos (embora em nenhuma sequência fixa): as tabelas das festas móveis; eclipses lunares e solares; aspectos, conjunções e posições planetárias e zodiacais; o cânone para flebotomia, purgação e banho; o domínio dos signos e planetas; as veias, sua localização e doenças relacionadas; e, geralmente, tabelas urinolíticas.¹⁹

Como se pode perceber, desse esquema emergem dois tipos figurativos complementares nos tratados médicos-astrais: o *Homo Signorum* e o *Homo Venarum*. Inicialmente essas ilustrações eram acompanhadas de um pequeno texto que descrevia as diversas correlações entre os órgãos e os signos. As regras astrológicas, através das práticas médicas aplicadas, partiam da premissa “*Aries-cave ab incisione in capite vel in facie et ne incidet venam capitalem*”²⁰.

A obra do frade inglês Nicholas de Lynn, confeccionada a pedido de John de Gaunt, duque de Lancaster, o *Astronomical Calendar* (1386) condensa os ensinamentos médico-astrológicos oriundos das práticas medicinais inglesas no século XIII²¹. Pela quantidade de manuscritos que foram reproduzidos entre os séculos XIV e XV²², podemos indagar que o calendário de Nicholas de Lynn foi, provavelmente, bastante popular entre os estudiosos e médicos da época.

Seis anos antes, outro frade (desta vez, franciscano) produzia um novo calendário astronômico em Oxford, nomeando-o *Astronomical Calendar*²³. Ordenado pelo superior Thomas Kingsbury (provincial dos Franciscanos ingleses) a pedido de Joan de Kent, princesa de Wales e mãe do rei Ricardo II, John Somer, conhecido pelos seus conhecimentos como astrônomo, foi incumbido, pela corte inglesa, na produção de um calendário que proporcionasse a leitura e mapeamento astral.

Embora distintos, ambos calendários detêm certas particularidades entre si. Tanto em Nicholas de Lynn quanto em John Somer há uma renovação nos cálculos astrológicos dos calendários

¹⁹ BOBER, Harry. The Zodiacal Miniatura of the Tres Riches heures of the Duke of Berry: Its Sources Meanings. *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, v. 11, 1948. p. 24. Original: "The usual content of such *Kalendaria*, after the regular calendar for the year, includes the following (although in no fixed sequence): tables of the movable feasts; lunar and solar eclipses; planetary and zodiacal aspects, conjunctions, and positions; the canon for phlebotomy, purgation and bathing; the dominion of the signs and planets; the veins, their location and related diseases; and, usually, urinalytical tables".

²⁰ O'BOYLE, 2005, p. 6; Bober, 1948, p. 24. Tradução do autor: "Cuidado com incisões na cabeça ou no rosto, para que não corte uma veia importante".

²¹ Sobre o *Kalendarium* e a vida de Nicholas de Lynn, cf. EISNER, Sigmund. *The Kalendarium of Nicholas of Lynn*. Athens, Georgia 1980.

²² O'BOYLE, 2005, p. 1. De acordo com O'Boyle cerca de 16 cópias do calendário de Nicholas de Lynn foram identificadas no período que compreende c. 1383 a c. 1463. Isso demonstra a rapidez com que esses manuscritos foram disseminados entre o século XIV e XV.

²³ MOONEY, Linne (ed). *Kalendarium of John Somer*. Athens, Georgia, 1998.

produzidos. Além disso, foram encarregados de elaborar as novas datas da Páscoa cristã²⁴. No final do século XIV e todo o século XV, os calendários eram ferramentas precisas para a literatura astrológica de base médica. No entanto, cabe mencionar que os elementos iconográficos já estavam integrados ao calendário²⁵. Esses trabalhos também serviam como ferramenta para o mapeamento das datas festivas da Igreja.

Qual a relação entre o material médico-astrológico com o desenvolvimento da iconografia em torno do *Homo Signorum* nas obras de Nicholas de Lynn e John Somer? Qual o impacto sobre a circulação de imagens astrológicas na Europa do século XV? Faith Wallis observou que a preocupação em estabelecer uma relação entre o calendário e seu uso médico precedeu à inserção da astrologia judicial no programa de associação à medicina²⁶. Todavia, no século XIV, foram criados instrumentos mais precisos para a construção de calendários especializados para atender às exigências dos praticantes de medicina astrológica. Na França, por exemplo, houve pelo menos uma tentativa de criar um calendário astro-médico, discutido por Thérèse Charmasson²⁷, que fornecia informações astrológicas necessárias para atender às demandas dos médicos astrólogos. Jacquart afirma que os seguidores da medicina astrológica usavam os calendários no intuito de especificar as posições planetárias em todos os dias do ano. Além disso, indicava a “passagem da lua” pelos signos zodiacais, juntamente com as explicações sobre as luas cheias e novas e os “dias favoráveis” para sangrar e purgar. Cabe mencionar a existência de um pequeno calendário que se restringia, somente em elucidar, à entrada da lua nos signos do zodíaco²⁸. Embora distintos, esses dois calendários são objetos de consulta quando se tratava, especificadamente, da realização de diagnósticos.

Na Inglaterra, reconheceu-se que calendários e almanaques eram ferramentas importantes para os médicos; as evidências literárias analisadas corroboram essa concepção. O médico de Geoffrey Chaucer²⁹ (1343–1400), fundamentado pela astronomia, indicava que o principal uso de sua habilidade nessa área era na preparar talismãs ou imagens astrológicamente potentes para seus pacientes. Nesse sentido, a prática médica de Chaucer refletia-se nos calendários de Nicholas of Lynn ou John Somer, no que concerne à inserção dos elementos astrológicos. O trabalho de Nicholas Lynn incluía o cálculo das longitudes planetárias nos cânones médico-astrológicos de seu calendário,

²⁴ Os primeiros cálculos astronômicos sobre a datação da Páscoa na Inglaterra foram feitos por Roger Bacon para o período de 1254 a 1329. Esses cálculos foram atualizados pelo beneditino Walter of Evesham que produziu cálculos que abrangiam 1292 a 1367, 1330 a 1386. Cf. O'Boyle, 2005, p. 2; Cf. EISNER, 1980, p. 8.

²⁵ O'BOYLE, 2005, p. 3.

²⁶ WALLIS, Faith. *Medicine in Medieval Calendar Manuscripts*. In M. R. Schleissner (ed.). *Manuscript Sources of Medieval Medicine*. A Book of Essays New York: Garland Publishing 1995, p. 105–43.

²⁷ CHARMASSON, Therese. *L'établissement d'un almanach médical pour l'année 1437*. In *Comptes Rendus du 99e Congrès National des Sociétés Savantes, Section des Sciences*. Vol. 5. Paris, 1976, p. 217–34.

²⁸ JACQUART, D. *Médecine et astrologie à Paris dans la première moitié du XI siècle*. In: *Filosofia, scienza e astrologia nel trecento europeo*. Padua: Il Poligrafo, 1992, p. 23–56.

²⁹ ROBINSON, F. *The Works of Geoffrey Chaucer*. Oxford: Oxford University Press, 1968.

enquanto John Somer analisa a relação da posição lunar nos signos e nas horas planetárias ao calcular o tempo para prescrever remédios, expurgos ou outros tratamentos. Parece adequado, portanto, identificar certos cânones que foram utilizados nas obras de Nicholas de Lynn e John Somer. Isso demonstra de que modo as fontes sobre a literatura médica-astrológica, como o conceito de *melothesia* planetária³⁰ e por decanato³¹, circulavam na Inglaterra em fins do século XIV.

Percebem-se certas similaridades em ambos os calendários: a medição e formulação dos meses (a partir da observação lunar) era essencial na elaboração dos calendários e era essencial para compor o catálogo de festas móveis, particulares da Igreja Católica, como a datação dos dias da Páscoa³². É importante assinalar a conversão de numerais árabes em romanos no calendário de John Somer, pois a utilização de numerais árabes não era usual em terras inglesas. A seguir, para melhor compreensão da composição dos calendários, reproduzimos o contexto, de acordo com O'Boyle, das similaridades entre os calendários de Nicholas de Lynn e John Somer:

Ambos os calendários de John e Nicholas contêm outra tabela que, embora estritamente astronômica no conteúdo, foi usada quase exclusivamente para fins astrológicos. Esta foi a tabela para calcular a posição da Lua no zodíaco. De si mesmo, a lua não fora considerada tão astrologicamente significativa como os outros seis "planetas" (o Sol, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno). No entanto, fora dada uma atenção especial por três motivos. Primeiro, o termo cosmológico do movimento da Lua foi particularmente importante porque, sendo o mais próximo da Terra, sua esfera reunia os movimentos das esferas superiores e transferia seu movimento para o mundo sublunar. Da mesma forma, em termos astrológicos, a Lua ampliava as influências astrológicas dos signos zodiacais pelas quais passou e recolhia as influências astrológicas dos planetas com os quais se configurava. Em segundo lugar, acreditava que, como o Sol, a influência da Lua poderia ser observada em seus vários efeitos no ser humano, como a menstruação. Em terceiro, provavelmente por causa desses efeitos observados, a lua foi assumida a ter uma influência especial sobre fluídos contidos nos corpos dos seres vivos, especialmente o sangue. O conteúdo astrológico destes dois calendários fora melhorado ainda mais pela inclusão de uma tabela indicando qual dos sete planetas reinavam ou eram dominantes em cada hora do dia ou da noite. Isso foi importante para saber porque os planetas foram creditados para exercer boas e más influências.³³

³⁰ Desdobramento da *melothesia* zodiacal, onde os planetas são os responsáveis pela regência do corpo humano.

³¹ Otto Neugebauer chega à conclusão que a *melothesia* é estendida e duplicada junto com as micro-divisões do zodíaco, originando então a *melothesia decanal*, onde a cada dez graus se obtém uma regência e impacto sobre uma parte do corpo humano. Veja em: NEUGEBAUER, Otto. The Dodekatemoria in Babylonian Astrology. In: *Archiv Orientforschung* 16 (1953).

³² No catálogo os números dourados, por exemplo, representam as datas festivas.

³³ O'BOYLE, 2005, p. 5. Original: "Both John's and Nicholas' calendars contain another table that, although strictly astronomical in content, was used almost exclusively for astrological purposes. This was the table for calculating the moon's position in the zodiac. Of itself, the moon was not considered to be as astrologically significant as the other six "planets" (the Sun, Mars, Mercury, Jupiter, Venus and Saturn). Nevertheless, it was given special attention for three reasons. First, in cosmological terms the moon's movement was particularly important because, being the closest to the Earth, its sphere gathered up the motions of the higher spheres and transferred this motion to the sublunary world. Likewise, in astrological terms, the moon magnified the astrological influences of the zodiacal signs through which it

A natureza médica na qual a iconografia do *Homo Signorum* está inserida revela como os novos calendários começaram a utilizá-la como base, particularmente, na leitura lunar. Assim, estabelecia-se a assertiva da posição da Lua no zodíaco pressupondo a determinação, por exemplo, de qual era o momento certo para a realização de qualquer procedimento médico (uma incisão, a flebotomia³⁴, uma cirurgia). Portanto, o médico-astrólogo necessitava saber com precisão, através da análise conjectural da *dodecatemoria*³⁵, o momento que a Lua “passa pela casa de Áries”³⁶. Assim, a preocupação reside mais na elaboração de um sistema de medição de horas, onde o médico-astrólogo possa mensurar como os humores se adaptam aos movimentos celestes. Dessa forma, consegue-se estabelecer quais qualidades planetárias são compartilhadas com a estrutura sanguínea do corpo humano.

O cânone empregado por Nicholas de Lynn é elaborado para exemplificar o significado da astrologia lunar nas práticas médicas³⁷. A Lua encoraja os humores a lançar-se para as partes do corpo humano onde um determinado signo governa. Dependendo da leitura feita pelo médico-astrólogo, esses humores podiam ser expelidos na tentativa de cura, ou, então, os humores nocivos não purgados poderiam causar as mais severas doenças. Para resolver algumas dessas questões, Nicholas de Lynn elabora uma divisão *triplicitas* associando os signos aos elementos básicos da constituição do mundo natural com os humores do corpo humano. Assim Áries, Leão e Sagitário que são signos do elemento fogo governam as faculdades atrativas do corpo humano; os signos de ar, Gêmeos, Libra e Aquário, governam as faculdades digestivas do corpo; Touro, Virgem e Capricórnio, signos do elemento terra, governam as faculdades retentivas; e por fim, Câncer, Escorpião e Peixes, como signos do elemento água, governam as faculdades evacuativas.

Nessa perspectiva, o papel das ilustrações vai além de mera reprodução e representação teórica. As imagens são, na verdade, o lugar por onde a natureza médico-astrológica se faz presente. As ilustrações produzem sentido para todo o arcabouço que é expresso através delas. Quando um médico

passed and gathered up the astrological influences of the planets with which it was configured. Second, it was believed that, like the sun, the moon's influence could be observed in its various effects on the natural world such as the tides and menstruation. And third, probably because of these observed effects, the moon was assumed to have a special influence upon fluids in the bodies of living things, especially the blood. The astrological contents of these two calendars was further enhanced by the inclusion of a table indicating which of the seven planets reigned or was dominant at each hour of the day or night. This was important to know because the planets were believed to exert good and bad influences constituted natural objects.

³⁴ Incisão praticada na veia com objeto de retirada, através da sangria, das substâncias nocivas ao corpo humano.

³⁵ Do grego *dwdekathmo/rion* - cf. *Dw/deka*, "doze", *mo/rion*, "parte"), possui sentido de "duodécimos". Em latim: *dodecatemorion* (ou - *ium*). Pela forma vertida em latim, o substantivo pode ser traduzido tanto para o masculino, *dodecatemório*, ou para o feminino, *dodecatemoria*. No texto opto pela flexão no feminino como é usualmente utilizado pela literatura especializada.

³⁶ A Lua passa por todos os doze dignos, mudando de trinta em trinta dias. Em cada signo ela percorre as dozes *dodecatemorias*, a cada dois dias e meio a lua muda a sua posição dentro do signo de Áries. Por isso, é, realmente, necessário para o astrólogo saber em qual aspecto (*dodecatemoria*) dentro do signo de Áries a Lua percorre. Somente assim, ele terá sucesso em seu diagnóstico e no tratamento.

³⁷ O'BOYLE, 2005, p. 7.

consulta uma ilustração, ele busca não somente uma representação onde possa fazer seus cálculos; ele busca um método de orientação pelos astros. Assim, são as imagens que unem as teorias cosmológicas complexas com procedimentos médicos, ou seja, são ferramentas de orientação cósmica.

Michael Kuczynski, em um artigo sobre uma cópia do *Kalendarium* de Nicholas de Lynn (MS Chapel Hill 522, fols. 159r – 202r), pontua a importância das imagens ilustradas e da descrição física do manuscrito. O conhecimento e a técnica do artista revelam, com enorme habilidade, a coadunação entre texto e imagem. Kuczynski demonstra a importância dos usos e funções das imagens astrológicas para o entendimento da medicina no medievo.

O *Kalendarium* de Nicholas of Lynn e a *kalendaria* medieval em geral forneceram uma ampla gama de informações - religiosas, astronômicas e até médicas. Como outras *kalendarías* medievais, Nicholas de Lynn inclui um calendário mês a mês, indicando os kalends, nones e ides (o calendário romano) de cada mês, listando as festas de vários santos e fornecendo informações adicionais, como os tempos de diariamente nascer e pôr do sol. Vale a pena notar, com referência às *kalendarías* medievais, que as listas dos dias dos santos variam muito entre os manuscritos do calendário, dependendo de quem os possui.³⁸

Somente uma imagem conseguiria exacerbar, com tanta ênfase, a correlação entre o corpo humano, os signos e os planetas. De fato, os textos que acompanham as ilustrações carregam um teor explicativo, porém de modo algum subordinam as imagens ao conteúdo explicativo. A função do texto é mais de ratificar aquilo que é exacerbado pela imagem do que, simplesmente, explicá-la. Contudo, ainda é complexo quando nos reportamos ao lugar das imagens nos calendários ou em qualquer manuscrito de base astrológica onde se exploravam a iconografia do *Homo Signorum*. Em alguns manuscritos, encontraremos somente uma imagem, geralmente um homem zodiacal; em outros, um verdadeiro catálogo de ilustrações é criado. Portanto, o que se pode afirmar, até o momento, é a capacidade de os elementos pictóricos e textuais serem dispositivos capazes de fornecerem as diretrizes básicas para a orientação astral.

O'Boyle chama a atenção para a imagem do *Homo Venarum*³⁹ no que se refere, propriamente, às diferenças encontradas nas diversas cópias da obra de Nicholas de Lynn. Ele conclui que a sobrevivência da iconografia vai ao encontro de um complexo processo de desenvolvimento das práticas médicas. De fato, a predominância de ambas bases iconográficas na obra de Nicholas de Lynn

³⁸ KUCZYNSKI, Michael. A New Manuscript of Nicholas of Lynn's 'Kalendarium': MS Chapel Hill 522, fols. 159r – 202r. In: *Traditio*, Vol. 43 (1987), p. 299-319. New York: Fordham University.

³⁹ O'BOYLE, 2005, p. 8. O'Boyle, de fato, não se refere a estas imagens como *Homo venarum*, e sim com "bloodletting man", ou seja, "homem sangria". Porém, de acordo com o estudo aqui empreendido fica evidente que O'Boyle fala da utilização da iconografia do *Homo Venarum*.

é imprescindível para compreendermos o impacto, dos efeitos às causas, na dimensão das relações médicas, astrológicas e artísticas.

No manuscrito depositado na Biblioteca Bodleiana, na Universidade de Oxford, o Ashmole 391, temos um exemplo da complementariedade que as imagens do *Homo Signorum* e do *Homo Venarum* exercem. Ambos ocupam fólios distintos no manuscrito, sendo o homem venoso (Fig. 1) ocupando o fólio número 8v e o homem zodiacal (Fig. 2), o fólio número 9r. O homem venoso é representado na figura de um indivíduo, em posição frontal, sendo rodeado por círculos que remetem aos nomes das principais veias e as doenças a elas relacionadas. Uma espécie de linha liga o corpo do homem a essa estrutura circular que contém os nomes das veias. Ao abrir o manuscrito onde as imagens se encontram, o médico-astrologo terá uma visão na qual o fólio número 8v estará a sua esquerda e o fólio número 9r estará a sua direita. Portanto, o médico tem uma visão de ambas as imagens ao mesmo tempo, facilitando sua leitura.

Segundo Roger French, a nova astrologia, com sua iconografia, ofereceu um aparato técnico que poderia ampliar os poderes de prognóstico do médico⁴⁰. Sua dificuldade técnica, uma vez superada, ofereceu a mesma vantagem que a uroscopia⁴¹ pôde aproveitar. O médico acreditava que ele estava ampliando o seu prognóstico, e fazia isso partindo de uma imagem, do aprendizado aprimorado.

No caso do *Astronomical Calendar* (Ms. Ashmole 391, f. 8v) de Nicholas de Lynn, temos uma representação que segue, precisamente, as bases iconográficas do *Homo Venarum*. Temos no centro da imagem um homem de frente e ao seu redor – na parte extrema de todo o fólio – temos, ao todo, 24 círculos representando as principais veias do corpo. Desses círculos partem, também, 24 setas vermelhas – representando o sangue – em direção às diversas partes do corpo (mãos, pés, cabeça, pernas, etc.). Num contexto geral, o conteúdo textual desses círculos trata dos elementos médicos praticados naquela região do corpo. Versa sobre qual veia é melhor para purgar problemas renais, dores de cabeças, problemas de pele e onde se realizaria a flebotomia, em suma, todos os possíveis prognósticos são descritos.

Numa cópia do *Astronomical Calendar* (Ms. Ashmole 789), depositada na mesma biblioteca, a base para representação do homem venoso (Fig. 3) não sofre grandes mudanças, a não ser o cabelo da figura. Nesse manuscrito, o indivíduo possui cabelos mais longos e, aparentemente, encaracolados.

⁴⁰ FRENCH, Roger. Foretelling the Future: Arabic Astrology and English Medicine in the Late Twelfth Century. *Isis*, vol. 87, n. 3 (Sep., 1996), p. 454-455.

⁴¹ A uroscopia é a prática médica de analisar visualmente a urina de um paciente, no intuito de encontrar qualquer resíduo fisiológico, como pus e sangue, que possa ajudar no diagnóstico de alguma doença. Ela remonta ao antigo Egito, Babilônia e Índia. Foi particularmente enfatizado na medicina bizantina e latina. Sobre a uroscopia nos séculos XIV e XV, veja EKNOYAN, Garabed. Looking at the Urine: The Renaissance of a Unbroken Tradition. *American Journal of Kidney Diseases*, vol. 49, n. 6 June, 2007, p. 865-872.

Nessa cópia a imagem do homem zodiacal (Fig. 4) está acompanhada da representação de uma volvella (círculos concêntricos de papel usados na Europa medieval para calcular as fases do sol e da lua)⁴².

Figura 1 – Homem venoso. Astronomical Calendar de Nicholas de Lynn, século XIV (1386)



Fonte: Oxford, Bodleian Library, MS Ashmole 391(5), f. 8v.

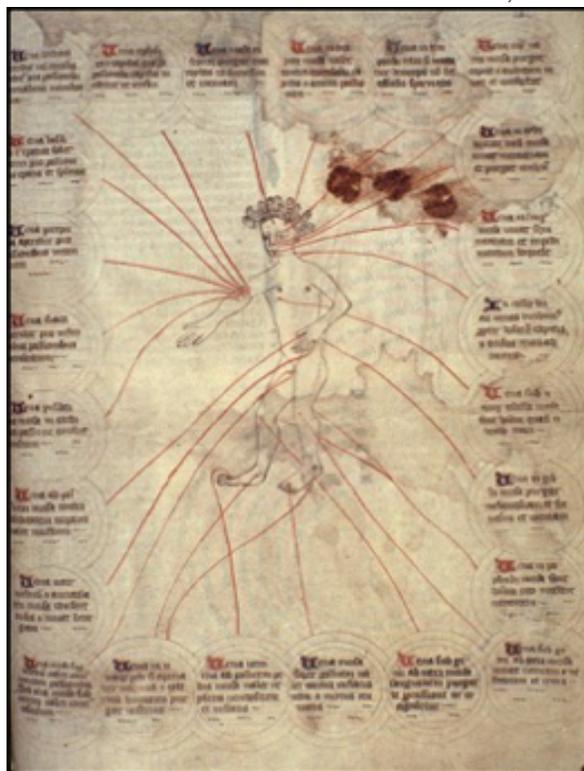
⁴² Volvella vem do verbo latino *volvare* (transformar). CACKERMAN, Susan. *Prints and the Pursuit of Knowledge*. Cambridge: Mary and Leigh Block Museum of Art, 2011.

Figura 2 – Homem zodiacal. Astronomical Calendar de Nicholas de Lynn, século XIV (1386)

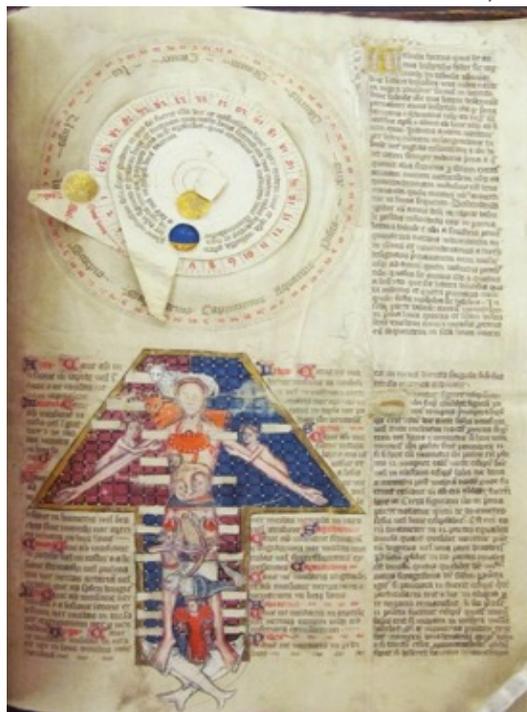


Fonte: Oxford, Bodleian Library, MS Ashmole 391(5), f. 9r.

Figura 3 – Homem venoso. Astronomical Calendar de Nicholas de Lynn, século XIV (depois 1386).



Fonte: Oxford, Bodleian Library, MS Ashmole 789 VIII, f. 365r.

Figura 4 – Homem zodiacal. *Astronomical Calendar* de Nicholas de Lynn, século XIV (depois 1386)

Fonte: Oxford, Bodleian Library, MS Ashmole 789 VIII, f. 363r.

Os tipos representativos, do *Homo Signorum*, mudam drasticamente de acordo com a nova reprodução. Isso demonstra, possivelmente, uma certa liberdade que o artista/ilustrador tinha na concepção do homem zodiacal baseado na bagagem iconográfica que o artista tinha. Em três manuscritos diferentes⁴³, a figura do homem zodiacal possui abordagens distintas em sua composição pictórica. A modificação e particularidades dos manuscritos produzidas, dentro do contexto das iluminuras médico-astrológicas, evidenciam pontos que se coadunam como, por exemplo, o conceito reificação de cada cópia. A alteração ou modificação dos elementos imagéticos demonstram a capacidade de compreensão, por parte do artista/copista, dos elementos elencados dentro da obra. Assim, cada novo manuscrito criado estabelece uma nova relação nos usos e funções para a qual fora criado. Os elementos iconográficos de cada manuscrito continuam mantendo uma relação de continuidade e sobrevivência entre si. Contudo, as imagens de cada manuscrito nos revelam as diversas abordagens e modificações que cada artista/artesão teve de resolver para construir uma espécie contiguidade com o manuscrito que fora copiado. Ao mesmo tempo, criam-se novas formas e abordagens dentro de um determinado contexto, seja ele artístico, econômico ou político. Tal equação resolvia-se na noção de emulação, no processo de “imitação” de um modelo, interferia a

⁴³ Oxford, Ms. Ashmole 391 V, f. 9 (final do século XIV); Oxford, Ms. Ashmole 789, f. 365 (século XIV, 1387); Ms. Ashmole 370, fol. 027v (início século XV).

invenção que resultava em uma obra distinta sem ocultar o modelo primevo. Ou seja, a especificidade da nova obra era revelada pela sua emulação.

No Ms *Ashmole* 39 o homem zodiacal não é cercado por uma estrutura circular, muito menos temos os planetas e os signos à sua volta. Os signos estão espalhados por toda a extensão de seu corpo; da cabeça aos pés os signos dividem o corpo da figura do homem e estão em sua cabeça, em seus braços, entre suas pernas, em seus ombros. De fato, este homem zodiacal guarda certas semelhanças com a iconografia da crucificação de Cristo. No que tange ao estilo, o artista projeta-os com um certo grau de verossimilhança no que se refere às representações dos signos com avatares animais e humanos. Portanto, configura-se como a regência zodiacal (reger, proteger, reinar) age sobre uma determinada parte do corpo. Esta iconografia será, amplamente, utilizada no fim século XIV, quando a concepção antropomórfica de homem e de mundo entram em voga contrapondo-se aos parâmetros medievais.

Os avatares humanos refletem, diretamente, o estilo físico do ser humano do século XIV. Um exemplo se encontra nas vestimentas do signo de Aquário, que representa as vestimentas das comunidades eclesiásticas inglesas. Também, aqui, o signo de Aquário não carrega apenas uma ânfora, mas sim duas⁴⁴, como era de costume representar o signo de Aquário. Esses manuscritos foram projetados como objetos pessoais e, além de um certo núcleo de santos internacional e nacionalmente venerados, os indivíduos parecem ter tido considerável liberdade na compilação de festas para devoção em suas próprias dioceses.

Cada signo é acompanhado com uma pequena inscrição de seu nome ao seu lado. Note como o artista resolveu este problema da inclusão dos nomes e o espaço restritivo do fólio. Alguns nomes são escritos com as sílabas separadas, geralmente os nomes maiores – como Capricórnio; de fato, somente os nomes de Áries, Touro e Leão foram preservados. Sobre o texto que circunscreve toda imagem do homem zodiacal, basicamente, trata-se das predições médico-astrológicas sobre os signos e as partes do corpo. Por exemplo, em Áries está escrito "*Aries-cave ab incisione in capite vel in facie et ne incidet venam capitalem*", e o nome de cada signo está marcado de vermelho. Esses manuscritos são testemunhas silenciosas do importante papel de escribas e estudiosos na difusão de traduções científicas. O cânone de Avicena foi amplamente reproduzido, enriquecido com glosas e tornando-se um dos textos básicos para o ensino nas universidades.

De acordo com Charles Burnett, na forma como o médico reunia os saberes cosmológicos, a astrologia parecia ser uma extensão de seu conhecimento. De fato, parecia oferecer um tipo superior de percepção. A forma mais precisa de previsão médico-astrológica era a astrologia judicial, que

⁴⁴De praxe, a iconografia de Aquário, que permeia até hoje, é a de uma figura, geralmente feminina, que jorra a água contida dentro da ânfora que está sobre seus ombros.

oferecia “diagnósticos” a partir das patologias. Era, portanto, uma prática popular nas cortes reais do que nas casas monásticas ou outras casas religiosas⁴⁵.

Uma cópia datada do início do século XV, o Ms. *Ashmole* 370, fol. 027v, já subverte alguns parâmetros estilísticos. O indivíduo (Fig. 5) permanece com os signos sobre seu corpo, porém sua expressão difere-se da anterior. Sua fisionomia remetia à estilística dos frades carmelitas e franciscanos da época. A moldura que acompanhava e delimitava o espaço do corpo foi substituída por outra retangular. O conteúdo do texto continua o mesmo, mas sua disposição é outra; a escrita é intercalada com as cores preta e vermelha. E de cada texto parte uma linha – também nas cores preta e vermelha – em direção ao corpo do homem. O que, possivelmente, evidencia que a prática da inclusão das setas ligando o signo/texto ao corpo ainda era praticada. Provavelmente sua fonte tenha sido algum manuscrito árabe que chegara a Europa. Isso se comprova pelo fato de serem os manuscritos árabes os que versavam sobre a iconografia zodiacal, responsáveis pela nova roupagem de arqueiro (completamente humano)⁴⁶.

Sobre a iconografia do *Homo Signorum* nas cópias que foram produzidas a partir do calendário de John Somer, percebe-se que as bases iconográficas guardam similaridades quando se comparam com o calendário de Nicholas de Lynn. O que podemos inferir está mais ligado à concepção e no teor teórico da obra do que na simples comparação, pois cada cópia tornava-se uma obra única e nova, partindo do preceito de reificação. O exemplo acima demonstra a representação, herdada do século XI, que era pensada partindo-se das teorias do macrocosmo e microcosmo. Agora, os manuscritos dos séculos XIV e XV carregam a natureza médica que foi fermentada até século XIII nos manuais e manuscritos astrológico-médicos árabes e hebraicos. As ilustrações não somente versam sobre a relação do homem com o firmamento, estabelecendo uma correlação simpática e harmônica. O corpo humano entra em cena e junto se estabelece a teoria zodiacal, planetária e, principalmente, o resgate do conceito de *melothesia*.

Os manuscritos continuaram descrevendo aos dados astrológicos calculados por John Somer prolongando, ocasionalmente, sua vida útil ao propiciar referências para um ou dois ciclos adicionais de dezenove anos. Em algum momento, no entanto, um ou mais calendaristas não nomeados assumiram a tarefa exata de recalcular o calendário lunar contido no manuscrito⁴⁷. Foram calculados quatro ciclos de luas novas e cheias a partir de 1463, e um número limitado de eclipses, geralmente não mais do que dois ciclos. Enquanto temos dois conjuntos de cálculos diferentes e distintos dos

⁴⁵ BURNETT, Charles. *Magic and Divination in the Middle Ages: Texts and Techniques in the Islamic and Christian Worlds*. London: Galliard, 1996, p. 136.

⁴⁶ SAXL, Fritz. *La Fede negli Astri. Dall'antichità al Rinascimento*. A cura di Salvatore Settis. Torino: Bollati Boringhieri Editore, 2016, p. 16.

⁴⁷ Sobre os cálculos e datações lunares, veja CAREY, Hilary. *Astrological Medicine and the Medieval English Folded Almanac*. *Social History of Medicine*, vol. 17, n. 3, 2004.

quatro ciclos iniciados em 1387, os dados da luação para os próximos quatro ciclos parecem ter circulado em apenas uma versão do calendário. A maioria desses calendários, do século XV, também, incluíam o obituário de João de Beverley (c. 7 de maio de 721), celebrado nacionalmente pelos ingleses a partir de 1416, por ordem de Henrique V⁴⁸. Segundo Justine Isserles, o calendário e as tabelas da Páscoa encontradas nas seções *computus* desses manuscritos podem ser considerados um sistema duplo realinhado em um ciclo lunar da Páscoa de dezenove anos solares. O calendário solar refere-se a datas fixas, enquanto a hora lunar altera com referência o calendário solar. Esse mecanismo duplo de cálculo de tempo era a base para elaboração dos prognósticos⁴⁹.

Figura 5 – Homem zodiacal. *Astronomical Calendar* de Nicholas de Lynn, século XV (c. 1424).



Fonte: Oxford, Bodleian Library, MS Ashmole 370 VIII, f. 27v.

O manuscrito Ms. Digby 48, fol. 015v (Fig. 6), do segundo quarto do século XV, circulou pela Europa, baseando-se nos elementos iconográficos até aqui apresentados. Contudo, a imagem não foi pintada, o que é incomum para os manuscritos que contêm este tipo iconográfico. Há uma coerência com a maioria das representações dos signos zodiacais, a não ser pelo fato de que, pela primeira vez, o signo de Escorpião foi representado – na obra de John Somer – de acordo com a fisionomia real do

⁴⁸ CAREY, Hilary. What is the Folded Almanac? *Social history of Medicine*, vol. 16, n. 3, p. 505-507.

⁴⁹ ISSERLES, Justine. Some Hygiene and Dietary Calendars in Hebrew Manuscripts from Medieval Ashkenaz. In: BURNETT, Charles; STERN, Sacha. (eds.). *Time, astronomy and Calendars in the Jewish Tradition*. Leiden/Boston: Brill Company, 2014. p. 279-280.

animal Escorpião. Sobre o *Homo Venarum*, as cópias não mantêm uma organicidade sobre a inclusão desta iconografia. De acordo com alguns pesquisadores sobre a obra de John Somer⁵⁰, apenas em dez manuscritos a iconografia do homem venoso sobrevivera⁵¹. Essa quantidade representa apenas ¼ das cópias do calendário de John Somer. A representação do homem venoso segue o mesmo padrão encontrado na obra de Nicholas de Lynn no MS. Digby 48, fol. 016r. No Ms. Digby 48, fol. 016r, tanto o homem zodiacal quanto o homem venoso (Fig. 7) estão em fólios separados, porém, o médico-astrologo tinha a visão de ambos quando abria o manuscrito⁵². Não há mais círculos à sua volta, o que delimita o espaço do homem venoso é a alternância dos vinte e quatro microtextos com as cores preta e vermelha. O conteúdo versa sobre as veias que compõem o corpo, desde a veia que percorre do braço direito à cabeça (*uena cephalica*) até a veia responsável pelo sistema cardíaco (*uena cardiaca cordis*).

Nesse contexto, o *Kalendarium* de John Somer e o de Nicholas de Lynn deve-se sua função – não àquela médica – dentro de um cenário sócio-cultural-político. Sobre esse prisma, ambos os calendários possuem um viés pedagógico que se diferenciava daquele ensinado nas universidades sobre o conhecimento astrológico⁵³. Essa afirmação é ampliada quando tratamos das imagens e de como o material iconográfico era apresentado ao leitor de forma instrutiva, didática e, principalmente, se investigarmos todo o contexto de circulação, dos usos e funções práticas. Microtextos, composição da figura humana, preocupação com a inclusão dos signos zodiacais, entre outros elementos, devem ser levados em consideração no que tange aos diversos calendários médico-astrológicos.

Como o conteúdo dos calendários era, de certa forma, diverso daquele ensinado nas universidades⁵⁴ (fazia parte do *curriculum* dos alunos das universidades inglesas, em fins do século XIV, o conhecimento astrológico), sua confecção e aplicabilidade restringiam-se a conselhos básicos sobre a dinâmica corpo-cosmos. O homem zodiacal incorporava, além do conhecimento médico-astrológico, a estrutura didática necessária para sua circulação e utilização em ambientes não acadêmicos, como nos palácios e nas casas de banho públicas.

⁵⁰ O'BOYLE, 2005, p. 8; Eisner, 1980, p. 3-7.

⁵¹ No caso de Nicholas de Lynn, apenas em dois manuscritos.

⁵² Respectivamente Ms. Digby 48 fol. 015v (homem zodiacal) e fol. 016r (homem venoso).

⁵³ O'BOYLE, 2005, p. 13.

⁵⁴ Segundo O'Boyle, como parte da aprendizagem sobre as artes liberais, os médicos em formação estudavam astronomia, principalmente através das obras "*De Sphaera*", de John de Sacrobosco, e o "*Almagesto*", de Ptolomeu. Sobre astrologia, as obras ensinadas eram o *Tetrabiblos*, também de Ptolomeu, e o *Centiloquium*, atribuído a Ptolomeu. Também são notáveis os ensinamentos sobre os astros produzidos pelos árabes, tal como Abu'Maschar e Alchabitius. O ensinamento astrológico, a partir de obras árabes, já era comum nas universidades europeias – principalmente no norte europeu. Como parte da formação, autores como Rasis e Avicena eram referências no ensino da análise do corpo mediante consulta astral. Também não se pode deixar de mencionar a importante contribuição da obra de Galeno, principalmente o "*De crisis et ceticis diebus*". Cf. TAAVITSAINEN, Irma; PAHTA, Paivi (Org.). **Medical Writing in Early Modern English**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011; SIRAI, Nancy. **Medieval & Early Renaissance Medicine**. An Introduction to Knowledge and Practice. Chicago: The University of Chicago, 1990.

Os calendários de John Somer e Nicholas de Lynn confirmam assim o trabalho de historiadores que mostraram que o pensamento astrológico permeava quase todos os níveis da sociedade inglesa do século XV. Na sociedade inglesa medieval tardia, acreditava-se que os corpos celestes influenciavam quase todos os aspectos da vida, da guerra, fome e epidemias à sucessão dinástica, relações pessoais, saúde e sucesso. Os calendários refinam essa imagem em aspectos importantes. O novo calendário representa uma ponte entre o que tem sido chamado de alta e baixa astrologia. Os calendários serviram como uma ponte entre esses dois modelos de astrologia na medida em que disseminaram e popularizaram uma forma de astrologia essencialmente universitária entre outras classes da sociedade. De fato, os calendários sugerem que os historiadores provavelmente estão errados ao falar sobre astrologia erudita e popular, pois de fato não há distinção real. Em vez disso, o calendário aponta para um *continuum* de crenças astrológicas, que se estendia do topo da sociedade inglesa até as camadas populares, unidas na crença cosmológica compartilhada de que os movimentos dos céus influenciavam os eventos humanos na Terra:

Os calendários médicos apresentam uma combinação similar de elementos, textuais e pictóricos: o calendário dos meses, o calendário-circular, o homem zodiacal, o homem venoso e círculo de urina. Aqui, também, o homem venoso pode ser representado com ou sem linhas para as veias locais e pode aparecer na mesma folha que o homem zodiacal ou em uma folha separada.⁵⁵

⁵⁵ BOBER, *ibid*, p. 26. Original: The medical calendars present a similar combination of basic elements, textual and pictorial, the calendar, the calendar-circle, Sign Man, Vein Man, and urine circle. Here, too, the Vein Man may be shown with or without lines for the vein locations, and may appear on the same sheet as the Sign Man or on a separate leaf.

Figura 6 – Homem zodiacal. *Astronomical Calendar* de John Somer, século XV (c. 14433-1438).

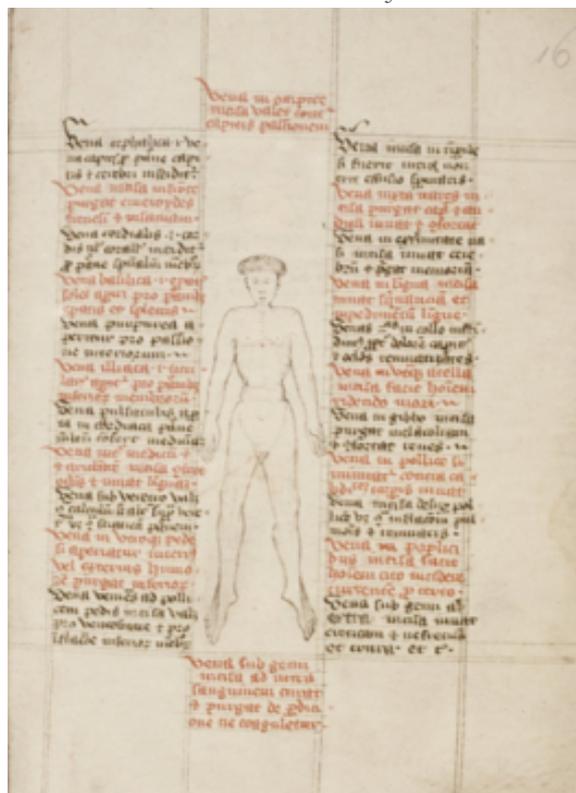
Fonte: Oxford, Bodleian Library, MS Digby 48, f. 15v.

Sobre a nomenclatura dessa combinação entre homem zodiacal e homem venoso que, na verdade, ocupam fôlios diversos, mas se complementam, parto do pressuposto e das evidências que corroboram o conjunto de ilustrações dentro desse escopo. Em efeito, são duas ilustrações diversas que guardam suas particularidades; entretanto, quando o artista desenha o homem venoso de costas – fazendo alusão à visão traseira do corpo do homem zodiacal (que é ilustrado frontalmente) que ocupa o verso do fôlio, ele deseja criar um elo de complementariedade entre as duas iconografias. A união desses dois elementos pressupõe um lado prático – auxílio no diagnóstico do cirurgião – e outro simbólico – amálgama das concepções cosmológicas, instrumento de orientação.

O desenvolvimento e aprimoramento das práticas científicas tendo como escopo a interação entre práticas medicinais e práticas cosmológicas, aos poucos, criaram as condições essenciais para a superação do elemento antropomorfo no embate entre o macrocosmo e o microcosmo. O conhecimento dos movimentos cosmológicos, particularmente a posição lunar em relação aos signos do zodíaco, foi amplamente debatido pela literatura científica. Em todos os níveis houve um forte desejo de tabular, traduzir, fazer diagramas e até mesmo versificar as informações básicas sobre a

relação dos signos do zodíaco com o corpo, as principais veias para realizar sangria⁵⁶. As informações podiam ser obtidas nas tabelas do calendário médico-astrológico. De acordo com um tratado inglês sobre a eleição de tempos, dependendo da posição solar, era perigoso realizar algumas atividades e não era aconselhável deixar “sangue quente” naquele momento⁵⁷.

Figura 7 – Homem venoso. *Astronomical Calendar* de John Somer, século XV (c. 1433-1438).



Fonte: Oxford, Bodleian Library, MS Digby 48, f. 16r.

Os manuscritos médico-astrológicos forneciam os textos, as tabelas e os diagramas exigidos por qualquer praticante ou paciente que desejasse considerar as horas planetárias e o posicionamento lunar antes de iniciar um procedimento médico. Esse nível de destreza constituía a forma mais elementar da astrologia médica. No entanto, houve um avanço intelectual considerável no regime de observação dos dias benéficos e maléficos no mês⁵⁸. Na maioria das versões dos manuscritos, aqui analisados, as colunas das horas, que variavam de acordo com a localização geográfica e a longitude do sol nos

⁵⁶ Veja MOONEY, L. A Middle English Verse Compendium of Astrological Medicine. *Medical History*, 28, 1984, p. 406 - 19; MATHESON, L.; SHANNON, A. A Treatise on the Elections of Times. In: MATHESON, L. (ed.). *Popular and Practical Science of Medieval England*. East Lansing: Colleagues Press, 1994. p. 47.

⁵⁷ MOONEY, 1984, p. 51.

⁵⁸ MATHESON, L. Diet and Bloodletting: A Monthly Regimen. In: MATHESON, L. (ed.). *Popular and Practical Science of Medieval England*. East Lansing: Colleagues Press, 1994.

sinais, recebem o rótulo “horas planetárias do dia e / ou da noite”⁵⁹. A determinação das horas era um dos primeiros passos necessários em qualquer investigação médico-astrológica. Além de seu significado, era necessário o conhecimento das horas planetárias para determinar os limites das doze casas astrológicas. Pode-se argumentar, portanto, que a prática da medicina lunar tenha facilitado a disseminação dos conhecimentos astrológicos.

Por fim, Ernst Cassirer exacerba que um dos traços fundamentais da cultura dos séculos XIV e XV reside no fato de ela não se contentar com a expressão abstrata do pensamento, mas sim buscar uma dimensão da expressão pictórica e simbólica⁶⁰. A medicina europeia foi, intimamente, associada à astrologia desde o século XII. As evidências do treinamento médico, nos manuscritos sobreviventes, sugerem que se empregavam as formas mais complexas da astrologia para fazer diagnósticos e prescrever tratamentos.

O calendário astrológico era um instrumento usado no auxílio prático da medicina e como elementos de marcação temporal para a Igreja Católica. Inteligentemente construídas, as obras de Nicholas de Lynn e John Somer foram usadas, principalmente, por profissionais qualificados no sul da Inglaterra ao longo do século XV. Alguns manuscritos foram utilizados nas dioceses do norte inglês e pelo menos um foi feito para uso no norte francês. Os calendários astrológicos continham acréscimos médicos e astrológicos que os vinculavam mais diretamente aos médicos e permitiam que eles selecionassem tempos astrologicamente propícios para terapias e diagnósticos. Essas ferramentas especializadas indicam um ambiente para a prática médica no qual pacientes e profissionais estavam cada vez mais familiarizados com o significado planetário e lunar.

Este artigo forneceu uma pergunta ao revisar criticamente a terminologia, a forma e a função dos textos e das imagens de um grupo de manuscritos que há muito se supõe terem sido empregados na prática da medicina astrológica. Foi demonstrado que o calendário médico-astrológico foi provavelmente uma inovação tecnológica inglesa que surgiu a partir do desenvolvimento do calendário litúrgico. Na evidência de sinais nos manuscritos sobreviventes, pode-se confirmar que o calendário foi projetado para ser usado como livro de consultas. É provável que os médicos usassem pelo menos alguns dos exemplos sobreviventes desses manuscritos. Essa ação abrange o período durante o qual a astrologia aumentou em importância como um componente da prática médica medieval e renascentista, no qual o calendário astrológico desempenhou um papel central no desenvolvimento das práticas médicas.

⁵⁹ MOONEY, L. The Cock and the Clock: Telling Time in Chaucer's Day. In: *Studies in the Ages of Chaucer*, vol. 15, 1993, p. 92.

⁶⁰ CASSIRER, Ernest. *Indivíduo e Cosmos na Filosofia do Renascimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 113.

Lista de manuscritos

- 1) Ms. Ashmole 391 V, XIV, Oxford, Bodleian Library;
- 2) Ms. Ashmole 789, século XIV, 1387. Oxford, Bodleian Library;
- 3) Ms. Ashmole 370, século XV, Bodleian Library;
- 4) Ms. Ashmole 5, depois de 1387 Oxford, Bodleian Library;
- 5) Ms. Digby 48, século XV, Oxford, Bodleian Library.

Referências bibliográficas

- ABD AL-'AZĪZ IBN 'UTHMĀN (ALCABIDIUS). **Introduction to the Art of Judgments of the Star**. Traduzido por Joannes, Hispalensis, Melchiorre Sessa, Venice, 1512.
- ABU MA'SCHAR. *Introductorium maius*. Napoli: Ed. Lemay, 1995–1996. 9 v.
- BOBER, Harry. The Zodiacal Miniatura of the Tres Riches heures of the Duke of Berry: Its Sources Meanings. **Journal of the Warburg and Courtauld Institutes**, v. 11, 1948.
- BURNETT, Charles. **Magic and Divination in the Middle Ages: Texts and Techniques in the Islamic and Christian Worlds**. London: Galliard, 1996.
- CKERMAN, Susan. **Prints and the Pursuit of Knowledge**. Cambridge: Mary and Leigh Block Museum of Art, 2011.
- CAREY, Hilary. What is the Folded Almanac? **Social History of Medicine**, vol. 16, n. 3, 2003.
- CAREY, Hilary. Astrological Medicine and the Medieval English Folded Almanac. **Social History of Medicine**, vol. 17, n. 3, 2004.
- CASSIRER, Ernest. **Indivíduo e Cosmos na Filosofia do Renascimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CHARMASSON, Therese. L'establissement d'un almanach médical pour l'année 1437. In: **Comptes Rendus du 99e Congrès National des Sociétés Savantes, Section des Sciences**. Vol. 5. Paris, 1976.
- CONCHES, Guillaume. **Philosophia mundi** 1.22. MAURACH, Gregor. (ed.). Pretoria: University of South Africa, 1974.
- D'ALVERNŸ, Marie-Therese. Translations and Translators. In: **Renaissance in the Twelfth Century**. Cambridge: Harvard University Press, 1982.
- DICIONÁRIO. **Oxford Advanced Learner's Dictionary**. Oxford: Oxford University Press. 1990.

- DRONKE, Peter. **Women Writers of the Middle Ages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- EISNER, Sigmund. **The Kalendarium of Nicholas of Lynn**. Athens/Georgia, 1980.
- EKNOYAN, Garabed. Looking at the Urine: The Renaissance of a Unbroken Tradition. In: **American Journal of Kidney Diseases**, vol. 49, n. 6 June, 2007.
- FARACOVİ, Ornela. **Lo specchio alto**. Astrologia e filosofia fra Medioevo e Prima Età Moderna. Bruniana & Campanelliana, Supplementi, XXXII – Studi, 11. Pisa: Fabrizio Serra Editore, 2012.
- FOUCAULT, Michel. A prosa do mundo. In: **As palavras e as coisas**. Uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FRENCH, Roger. Foretelling the Future: Arabic Astrology and English Medicine in the Late Twelfth Century. **Isis**, vol. 87, n. 3 (Sep., 1996).
- GELLER, Markham J. **Melothesia in Babylonia**. Medicine, Magic and Astrology in the Ancient Near East. Boston/Berlin/Munich: Walter de Gruyter Inc., 2014.
- GREEN, Monica. The *De geneica* Attributed to Constantinus Amcanus. **Speculum** 62, 1987.
- ISSERLES, Justine. Some Hygiene and Dietary Calendars in Hebrew Manuscripts from Medieval Ashkenaz. In: BURNETT, Charles; STERN, Sacha. (eds.). **Time, astronomy and Calendars in the Jewish Tradition**. Leiden/Boston: Brill Company, 2014.
- JACQUART, D. Médecine et astrologie à Paris dans la première moitié du XI siècle. In: **Filosofia, scienza e astrologia nel trecento europeo**. Padua: Il Poligrafo, 1992.
- KUCZYNSKI, Michael. A New Manuscript of Nicholas of Lynn's 'Kalendarium': MS Chapel Hill 522, fols. 159r – 202r. **Traditio**, Vol. 43 (1987). New York: Fordham University.
- MATHESON, L. Diet and Bloodletting: A Monthly Regimen. In: MATHESON, L. (ed.). **Popular and Practical Science of Medieval England**. East Lansing: Colleagues Press, 1994.
- MATHESON, L.; SHANNON, A. A Treatise on the Elections of Times. In: MATHESON, L. (ed.). **Popular and Practical Science of Medieval England**. East Lansing: Colleagues Press, 1994.
- MOONEY, Linne (ed). **Kalendarium of John Somer**. Athens, Georgia, 1998.
- MOONEY, L. The Cock and the Clock: Telling Time in Chaucer's Day. In: **Studies in the Ages of Chaucer**, vol. 15, 1993.
- MOONEY, L. A Middle English Verse Compendium of Astrological Medicine. In: **Medical History**, 28, 1984.
- NEUGEBAUER, Otto. The Dodekatemoria in Babyloniast Astrology. In: **Archiv Orientforschung** 16 (1953).

- O'BOYLE, Cornelius. Astrology and Medicine in Later Medieval England the Calendars of John Somer and Nicholas of Lynn. *Sudhoff's Archiv*, Bd. 89, H. 1, 2005.
- PTOLEMY, Claudius. *Centiloquium*. In: Iulii Firmici Materni. *Astronomicum*. Basle: Johann Herwagen, 1551.
- PTOLEMY, Claudius. *Tetrabiblos*. F. E. Robbins ed. e trad. Cambridge, MA: Harvard University, 1980.
- ROBINSON, F. *The Works of Geoffrey Chaucer*. Oxford: Oxford University Press, 1968.
- SACROBOSCO, Johannes. *Tratado da Esfera*. Tradução clássica de Pedro Nunes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- SAXL, Fritz. *La Fede negli Astri*. Dall'antichità al Rinascimento. A cura di Salvatore Settis. Torino: Bollati Boringhieri Editore, 2016.
- SENATOR, Cassiodorus. *Institutions* 1.31. MYNORS, R. (ed). Oxford: Oxford University Press, 1937.
- SIRAISI, Nancy. *Medieval & Early Renaissance Medicine*. An Introduction to Knowledge and Practice. Chicago: The University of Chicago, 1990.
- TAAVITSAINEN, Irma; PAHTA, Paivi (Org.). *Medical Writing in Early Modern English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- TALBOT, C. H. *Medicine in Medieval England*. London: Oldbourne, 1967.
- TESTER, Jim. *A History of Western Astrology*. Woodbridge: Boydell & Brewer, 1987.
- THORNDIKE, Lynn. *A history of magic and experimental science*. New York, Columbia University Press, 1923. 8 v.
- THORNDIKE, Lynn. Translations of works of Galen from the Greek by Peter of Abano. In: *Isis*, vol. 33, 1942.
- TOOMER, Gerald. *Ptolemy's Almagest*. Princeton: Princeton University Press, 1998.
- VOIGTS, Linda. Anglo-saxon plant Remedies and the Anglo-Saxon. *Isis* 70, 1979.
- WALLIS, Faith. Medicine in Medieval Calendar Manuscripts. In: SCHLEISSNER, M. (ed.). *Manuscript Sources of Medieval Medicine*. A Book of Essays New York: Garland Publishing 1995.